

**O JORNALISMO DO “A NOTÍCIA” NA DÉCADA DE 1950:
ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES TÉCNICAS E EDITORIAIS DO
PERIODISMO DO INTERIOR PAULISTA**

Aline Ferreira Pádua¹

Resumo:

O presente artigo, tendo em vista a pequena produção de pesquisas em torno do jornalismo interiorano durante a década de 1950 – período registrado na História do Jornalismo como fase de consolidação de uma nova forma de fabrico de notícias –, traz como proposta uma análise sobre as transformações técnicas e editoriais do periodismo do interior paulista durante o período, representado pelo jornal “A Notícia”, da cidade de São José do Rio Preto. Assim, apresentaremos a seguir as principais vertentes de investigação do trabalho, a metodologia proposta, além de parte do embasamento teórico.

Palavras-chave: Jornalismo. História. Década de 1950. Interior Paulista. Rio Preto.

História do Jornalismo e Teorias da Notícia: direcionamentos para a análise das transformações técnicas e editoriais do “A Notícia”

A edição de número 6.945 do *A Notícia* inaugura as publicações realizadas durante a década de 1950. No cabeçalho do jornal, indica-se que aquele era o 26º ano de sua circulação na cidade de São José do Rio Preto, no interior paulista. Em torno desta e das demais edições do *A Notícia* publicadas entre os anos de 1950 e 1959, o projeto de pesquisa aqui exposto tem como tema a imprensa interiorana representada por este periódico, seu perfil editorial durante a década, concepções defendidas sobre a prática e técnicas de jornalismo utilizadas, bem como suas relações com a denominada grande imprensa. Assim, é preciso observar o enquadramento dado pelo jornal aos temas tratados, as técnicas de produção utilizadas e sua posição em relação à prática jornalística, além da formatação das páginas impressas, para,

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Unesp. E-mail(s): aline_ferreira_padua@hotmail.com; alinefp@gmail.com.

desta maneira, identificar o tipo de jornalismo produzido durante o período no interior paulista.

Para tanto, é preciso entender inicialmente a conjuntura histórica da produção impressa do período, assim como as transformações vivenciadas pelo jornalismo durante o século XX que marcaram a década de 1950 como época em que conceitos como objetividade, neutralidade e profissionalização passam a entrar de vez nas redações.

Como aponta Sodré (1983), até fins do século XIX, a imprensa brasileira se caracterizava pela produção artesanal apresentando poucas páginas e tiragem reduzida, sendo também marcada pela escassez de recursos técnicos e financeiros. Para Ribeiro (2007), o jornalismo que se desenvolveu na capital do país (Rio de Janeiro), a partir de 1821, foi profundamente ideológico, militante e panfletário. O objetivo dos jornais era, antes de informar, tomar posição, tendo em vista a mobilização dos leitores para diversas causas. A imprensa, um dos principais instrumentos de luta política, era essencialmente de opinião, com linguagem extremamente agressiva, marcada pela paixão dos debates e das polêmicas.

Ainda no final do século XIX, a imprensa passa por um progressivo processo de industrialização e esses jornais de estrutura simples começam a ser substituídos por empresas jornalísticas de estrutura complexa, dotadas de equipamentos sofisticados. A partir da virada do século XIX para o XX, o uso do telégrafo e o recurso de desenhos e ilustrações difundem-se pelas páginas dos jornais cariocas. Barbosa (2007) aponta que o cinematografo, o fonógrafo, o gramofone, o daguerreotipo, a linotipo e as Marinonis são algumas das tecnologias que invadem a cena urbana do Rio de Janeiro e o imaginário social neste período, introduzindo amplas transformações no cenário urbano e nos periódicos que circulam na cidade.

Ainda, os jornais do Rio de Janeiro passam a inserir em suas redações, cada vez mais, padrões estrangeiros, como os folhetins, caricaturas e grandes ilustrações. A contratação do serviço de agências internacionais de notícias como da francesa Havas e da norte-americana United Press International ganham força a partir de 1874, sendo que o *Jornal do Comércio* e o *Jornal do Brasil* foram os primeiros a utilizar esse tipo de serviço no país.

Por outro lado, Ribeiro aponta uma considerável redução do número de impressos no início do século XX, não só no Rio de Janeiro, como também em outras grandes cidades.

Muitos veículos pequenos desapareceram e poucos surgiram no lugar. O jornal como empreendimento individual se torna inviável. Em São Paulo, a produção impressa também se transformava e se diversificava com o surgimento de vários títulos, revistas, folhas ligadas aos imigrantes italianos, ao socialismo e outros movimentos do operariado.

Para Sodré, com a passagem da pequena para a grande empresa jornalística, ligada à ascensão burguesa e ao avanço das relações capitalistas, alteram-se as relações do jornal com o anunciante, com a política e com os leitores. O jornal se tornaria uma empresa prestadora de serviço, vendedora de uma mercadoria, a informação.

O jornalismo praticado no Brasil até o advento das transformações e mudanças anteriormente apontadas esteve, segundo autores como Sodré (1983) e Costa (2005), baseado no modelo francês, privilegiando a análise, o comentário e a política, em detrimento da informação. As técnicas jornalísticas modernas, já difundidas nos EUA, eram pouco ou nada utilizadas. Apenas no início do século XX é que as folhas abriram espaço para a reportagem e para a entrevista, dando maior destaque também ao noticiário, introduzindo matérias policiais, esportivas e ligadas ao mundo feminino e, posteriormente, a fotografia.

Nessas primeiras décadas do XX, as alterações no texto foram lentas. As páginas de material noticioso ainda eram poucas, as colunas permaneciam rígidas, os títulos curtos e pouco criativos. Não havia presença de manchetes e o noticiário era redigido de forma “empolada”. O jornalismo, ainda marcado pela presença de literatos, era inseparável da literatura. Segundo Costa, ainda neste início de século muitos literatos trabalhavam nos jornais alugando suas penas para obter uma fonte de renda.

Nesse cenário de conflito entre a profissionalização do trabalho intelectual por meio do jornalismo e a vocação literária pura é que o papel do escritor nos jornais deixa de ser o de uma estrela. A partir dos anos 1910, como aponta Barbosa, com a crescente industrialização por que passava a imprensa, os periódicos iniciam a valorizar a informação em detrimento da opinião e começam a exigir reportagens, matérias, entrevistas e as notícias de sensação. A autora aponta que “Correio da Manhã”, “O Paiz”, “Jornal do Brasil”, “Jornal do Commercio” e “Gazeta de Notícias” são os periódicos que participam intensamente do movimento de criação de um novo tipo de jornalismo que muda drasticamente o padrão editorial das publicações. Editando com destaque notícias policiais e reportagens envoltas em carga de

neutralidade, procuram construir uma representação ideal da sociedade. E para isso são fundamentais as estratégias redacional e editorial de isolar os artigos pretensamente e classificados como neutros e objetivos, daqueles que são claramente opinativos. A opinião se isola definitivamente no artigo de fundo que ocupa a principal coluna na primeira página em todas essas publicações. Os principais jornais da cidade se constituem em empresas visando ao lucro, ainda que sobrevivam fundamentalmente das benesses do poder público. A venda avulsa é extremamente restrita e a publicidade apenas engatinha.

Para Ribeiro é ilusório falar na consolidação das empresas jornalísticas nesse período devido, sobretudo, à fragilidade desta “aventura industrial”. Segundo a autora, os jornais tinham se transformado em empresas capitalistas, mas ainda serviam aos poderes tradicionais, mantendo-se como folhas essencialmente políticas. Os jornais tinham adotado uma estrutura industrial, mas continuavam atrelados aos interesses da sociedade política, que moldava o conteúdo das suas publicações.

Os posicionamentos políticos e ideológicos passam a exigir, no entanto, um pouco mais de sutileza. O antigo jornal de opinião foi sendo substituído por um jornal mais informativo, que não apresentava vinculação claramente assumida. Muitos veículos já apelavam, inclusive, às ideias de objetividade e imparcialidade, sobretudo no processo de construção de sua autoimagem. A afirmação de independência política e ideológica aparece aqui como símbolo do processo de legitimação.

A objetividade, neutralidade e imparcialidade – ideais associados ao modelo de jornalismo moderno – já vinham ganhando espaço nas primeiras décadas do século, mas foram os anos de 1950 que marcaram sua consolidação. Esse período é considerado o momento crucial para a afirmação desses ideais e para sua definitiva incorporação ao ideário e ao imaginário jornalístico brasileiro. Foi somente na década de 1950 que as ideias de neutralidade e imparcialidade se formalizaram, com o surgimento de manuais de redação, e passaram a reger e a guiar como regra básica, a prática profissional dos jornalistas. Nesse período a objetividade ganhou forma de técnica e o *lead* passou a ser a forma hegemônica de abertura dos textos informativos.

Para Barbosa, as bases para a construção do ideal de objetividade do jornalismo já estão lançadas na virada do século XIX para o XX. A rigor, segundo ela, o mito da

objetividade deve ser percebido na longa duração, como um simbolismo construído pelas próprias empresas jornalísticas e pelos jornalistas para assim cunhar uma distinção. A autora destaca que todo o processo de modernização do jornalismo da década de 1950 sedimentou uma série de mudanças que já vinham sendo implementadas desde a primeira década do século e que encontra na conjuntura histórica dos anos 1950 eco favorável ao discurso da neutralidade. Na década seguinte, as condições políticas brasileiras – o golpe militar e a censura à imprensa – consolidariam de vez o processo de transformação do jornalismo carioca.

Como aponta Barbosa, o que se procurou construir naquele momento foi a autonomização do campo jornalístico em relação ao literário, fundamental para a autoconstrução da legitimidade da própria profissão. Assim, as reformas dos jornais da década de 1950 devem ser lidas como o momento de construção, pelos próprios profissionais, do marco fundador de um jornalismo que se fazia moderno e permeado por uma neutralidade fundamental para espelhar o mundo. A mítica da objetividade – imposta pelos padrões redacionais e editoriais – é fundamental para dar ao campo lugar autônomo e reconhecido, construindo o jornalismo como a única atividade capaz de decifrar o mundo para o leitor.

Por outro lado, Ribeiro coloca que mesmo nos anos 1950, a aplicação de técnicas como a pirâmide invertida e o *lead* não implicou na importação, na sua totalidade, do ideário jornalístico norte-americano. Segundo ela, mesmo nesse período, os conceitos do jornalismo moderno ainda não apresentavam limites muito claros. O processo de sua incorporação foi marcadamente contraditório, implicando em avanços e recuos. Para a autora, as reformas dos anos 1950, de qualquer maneira, representam um marco na história da imprensa brasileira, que assinala a passagem do jornalismo político-literário para o jornalismo informativo.

Com base na bibliografia sobre o jornalismo na primeira metade do século XX, acima apontada, e a partir da leitura das edições do *A Notícia* pretende-se dialogar com os citados autores que traçam a trajetória da imprensa durante o período e definem as transformações técnicas e de estilo que marcaram a transição do jornalismo politicamente engajado para o jornalismo informativo e moldado nos ideias de objetividade e neutralidade, e assim, observar em que medida essas características se aplicam e desenvolvem no jornal de São José do Rio Preto. Ainda, será possível levantar questionamentos como: Qual a relação do fazer

jornalístico no interior paulista com aquele produzido em grandes capitais como Rio de Janeiro e São Paulo? O jornalismo rio-pretense faz uso das novas técnicas ou é caracterizado por práticas das décadas anteriores? Que tipo de jornalismo é produzido nesta localidade do interior durante os anos 1950?

Outro referencial teórico importante para dar fundamento ao estudo apresentado liga-se à construção das notícias e às teorias do jornalismo. Em se tratando de produções jornalísticas, os conteúdos do jornal apontado como objeto de pesquisa, tais como notas, notícias, artigos, editoriais e propagandas passaram pelo processo de construção da notícia e identificação de um temário, permeados por forças e pressões de definição do que seria ou não publicado. Tratando da construção da notícia, Alsina (2009) afirma ser este um processo complexo que se inicia com um acontecimento. Para ele, os acontecimentos seriam formados por aqueles elementos externos ao sujeito, a partir dos quais, ele mesmo reconhecerá e construirá o acontecimento. Sendo assim, o acontecimento é gerado através de fenômenos que são externos para o sujeito, mas, por outro lado, só faz sentido perto do sujeito, que é quem lhe confere sentido. O acontecimento seria também, como aponta Alsina, um fenômeno social que está determinado histórica e socialmente, assim, cada sistema cultural vai concretizar quais são os fenômenos que merecem ser considerados como acontecimentos e quais passam despercebidos.

Em relação à construção da notícia, Souza (2002) e Traquina (2005) utilizam o conjunto de teorias construcionistas para tentar explicar “porque as notícias são como são” e “porque é que temos umas notícias e não outras”. Tendo como base as teses de diversos autores, tais como Tuchman, Schudson e Colby, Traquina argumenta que os teóricos construcionistas explicam o fabrico noticioso por meio de três abordagens que articulam cultura, sociedade e jornalismo. A primeira abordagem coloca a formação cultural do jornalista, ou seja, seus valores morais e os da comunidade onde está inserido, como fator vinculado à produção noticiosa. As pressões práticas do trabalho, tais como a tirania do tempo, a rede noticiosa e as rotinas, são evidenciadas como fundamentais no processo de produção jornalístico pela segunda abordagem. Na terceira abordagem, o autor refere-se às notícias como resultados de um processo de interação social entre os jornalistas, as fontes de informação e a sociedade.

Por seu turno, Souza estuda as mesmas teorias do jornalismo buscando reuni-las ao elaborar uma grande fórmula explicativa para a construção da notícia, alicerçada sob cinco forças interativas: ação pessoal, ação social, ação ideológica, ação cultural e ação tecnológica, sendo todas elas influenciadas pela força da história. Baseado em teóricos como White, Schudson, Tuchman, Shoemaker e Reese, Souza defende o papel atuante das forças no processo de produção noticiosa. Ele admite a influência dos valores, experiências e expectativas pessoais dos jornalistas no processo de seleção do material informativo, a ação social que trata da dependência dos meios noticiosos em relação aos canais de rotina, aos *deadlines* (fator tempo), as fontes noticiosas e à própria estrutura sócio organizacional dos *media* e sua autoridade sob os jornalistas. Admite também as ações cultural e ideológica porque tratam da influência sociocultural na definição dos “enquadramentos” noticiosos, que seriam representantes de uma cultura e ajudariam a compreender os seus valores e códigos simbólicos. Por fim, reconhece a ação tecnológica e do meio físico nas transformações e evoluções tecnológicas e dos *media* e instrumentos comunicacionais como fator de influência no processo produtivo, além de considerar o meio físico em que o jornalista trabalha fator responsável por sua fluência e qualidade da produção.

Assim, as contribuições de Traquina e Souza são aqui apontadas como importantes referenciais teóricos uma vez que se pretende estabelecer relações entre estes textos e as matérias publicadas pelo *A Notícia*, a fim de verificar como o jornal se coloca como canal de expressão, qual a concepção da prática jornalística adotada e como ele utiliza os saberes profissionais já disseminados em folhas dos grandes centros. As teorias apresentadas servirão como base para analisar e identificar as forças e influências atuantes sobre a produção noticiosa do jornal rio-pretense, de forma a indicar, entre outras relações, como o próprio veículo e sua relação com o poder local podem culminar no exercício de determinadas práticas profissionais, bem como colaborar ou retardar o desenvolvimento técnico da imprensa no interior. Deste modo, pretende-se estabelecer um diálogo entre a história do jornalismo, sua prática e as teorias do jornalismo.

O “A Notícia” como objeto de estudo

Para responder aos questionamentos anteriormente levantados em relação às transformações técnicas e editoriais do jornalismo interiorano do *A Notícia*, da cidade de São José do Rio Preto, no interior de São Paulo, propõe-se a análise do referido periódico a fim de identificar seu perfil editorial e as características do jornalismo produzido por meio das edições disponíveis entre os anos de 1950 e 1959. O estudo deve partir da edição de número 6.945, publicada em primeiro de janeiro de 1950 e se estenderá até a edição de número 9.779, publicada em 31 de dezembro de 1959.

O período de estudo, que compreende os anos de 1950 a 1959, foi assim delimitado a fim de analisar as publicações deste jornal interiorano durante a década em que, segundo aponta a história do jornalismo no Brasil, as modificações técnicas e editoriais do jornalismo moderno entraram de vez nas redações dos periódicos, sendo, posteriormente, consolidadas. Assim, analisar este período é buscar identificar de que forma e com qual intensidade transformações como, uso de novos maquinários, técnicas editoriais como utilização de fotografias e linguagem objetiva, entre outras, se deram em um jornal do interior de São Paulo.

Neste período, como apontam as leituras preliminares, o *A Notícia* expunha no cabeçalho seu slogan “Diário Matutino da Araraquarense” e aponta como redator Leonardo Gomes. Composto por quatro páginas a seis páginas em formato standard, o periódico trazia o conteúdo disposto em oito colunas verticalizadas. A primeira página era quase que totalmente preenchida por notícias internacionais, nacionais e locais, sendo que as de maior destaque traziam também fotografias. Nela ainda eram dispostos pequenos anúncios. Na segunda página encontram-se anúncios e editais, já a terceira, além das publicidades e comunicados, traz colunas como a intitulada “Vida Católica”. Por fim, a quarta página é composta por notícias, com destaque para as policiais, colunas, como “Vida Social” e propagandas.

Para explorar o material do periódico serão considerados editoriais, textos informativos, como notas, notícias e reportagens, textos analíticos e publicidade. As edições do jornal deverão ser lidas página a página e os temas referentes ao perfil editorial, concepções e práticas de jornalismo serão fichados. Como base para a análise da folha será realizado aprofundamento bibliográfico por meio de leitura e fichamento de obras sobre o tema história da imprensa e produção jornalística.

A fonte de dados da pesquisa será levantada por meio de estudo bibliográfico, através das edições dos jornais disponíveis em arquivo e livros sobre o tema. A coleta de dados será, portanto, documental com levantamento de informações em documentos e obras referentes ao tema e a leitura dos materiais atenta e sistemática. Como método de análise dos materiais propõe-se a análise de conteúdo de Laurence Bardin (2009).

A análise de conteúdo, segundo aponta Bardin ao rememorar a definição de Berelson, é “uma técnica de investigação que através da descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações”. Ainda, a análise de conteúdo visa obter indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens. Assim, é por meio da análise de conteúdo que será possível inferir o posicionamento do *A Notícia* em relação à prática jornalística do período, suas concepções e ideais, bem como traçar seu perfil editorial e de produção.

A análise de conteúdo proposta deve passar pelas seguintes etapas: pré – análise, exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A primeira etapa corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas. Compreende a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.

Em sequência, os resultados brutos serão organizados de maneira a serem significativos e válidos. É nesta etapa que será trabalhada a codificação que corresponde “a uma transformação dos dados brutos do texto, que por recorte, agregação ou enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão; suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices” e a categorização que é

Uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero, com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um

grupo de elementos sob um título genérico, agrupamento este efetuado em razão das características comuns destes elementos. (BARDIN, 2009)

Por fim, faremos uso da inferência e interpretação. Por inferência entende-se, como aponta Bardin, o desejo de distanciar-se da leitura aderente dos materiais para saber mais sobre o texto. Teoricamente, a inferência em análise de conteúdo pode remeter para ou apoiar-se nos elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: por um lado, a mensagem e o seu suporte ou canal; por outro, o emissor, o receptor, enquanto polos de inferência propriamente ditos.

Ainda, para a análise serão utilizadas como mecanismos de estudo as seguintes categorias: *Linguagem*, *Espaço*, *Critérios de produção*. Por meio da análise de *linguagem* buscaremos compreender o gênero de jornalismo praticado pelo periódico e sua construção textual, para assim, identificar seu perfil editorial e tipo do jornalismo produzido por *A Notícia* durante uma década de grandes mudanças estruturais do jornalismo. A análise de *espaço* permitirá observar em que medida os textos do jornal se tornam objetivos e enxutos ou se assemelham ao jornalismo ligado à literatura, com textos longos e digressões. Já a categoria *critérios de produção* servirá para apontar as escolhas técnicas e editoriais da folha, tais como objetividade, com o uso de *lead* e pirâmide invertida, de modo a indicar as transformações ou permanências ocorridas durante o período de estudo. Ainda, esta categoria permitirá avaliar as forças que exerceram pressões sobre a prática jornalística dos profissionais do *A Notícia*, para assim, entender as concepções de fazer jornalismo assumidas e defendidas por eles, além de dialogar com a bibliografia relacionada às teorias do jornalismo e da comunicação.

Considerações

Ter como proposta esboçar um perfil da imprensa interiorana durante a década de 1950, por meio do jornal rio-pretense “A Notícia”, exige a compreensão de que o olhar a ser lançado sobre os relatos impressos deve ater-se às vozes e aos discursos existentes na localidade durante o período, fazendo-se necessária a leitura detalhada e crítica das publicações, representações e formas de transmissão, uma vez que se configuram como

relatos de acontecimentos e não os acontecimentos em si. Atendo-nos para isto, entendemos como adequado para a proposta aliar dados provenientes tanto da História do Jornalismo quanto das Teorias do Jornalismo e da Notícia, de forma a analisar de forma ampla e contextualizada o conteúdo jornalístico produzido pelo “A Notícia”, seu perfil editorial durante a década, concepções defendidas sobre a prática e técnicas de jornalismo utilizadas, bem como suas relações com a denominada grande imprensa, para então, alcançarmos o delineamento do perfil de imprensa deste periódico, apontando, sobretudo, para suas evoluções ou permanências em relação às técnicas editoriais e gráficas.

Por fim é preciso apontar mais uma vez para a pequena quantidade de estudos e publicações que abordam o jornalismo interiorano, sobretudo o rio-pretense, durante o período. Dessa forma, ressaltamos que identificar o perfil de imprensa representado pelo *A Notícia* e sua trajetória durante os anos de 1950, é uma via importante para entender a evolução e transformações editoriais do jornalismo interiorano, além de ser forma de valorização da história da produção impressa rio-pretense.

Referências

- ALSINA, M. R. **A construção da notícia**. Tradução de Jacob A. Pierce. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.
- BARBOSA, M. **História Cultural da Imprensa**. Brasil - 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: 4ª ed., 2009.
- BRAGA, J. L. Questões Metodológicas na leitura de um jornal In: MOUILLAND, M.; PORTO, S. D. **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora UNB, 2002. P. 321-34.
- COSTA, C. **Pena de Aluguel**. Escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Editora Cia das Letras, 2005.
- RIBEIRO, A. P. G. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro: e-papers, 2007.
- SODRÉ, N. W. **A História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1983.
- SOUZA, J. P. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Editora Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.
- TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. V.1. Florianópolis: Insular, 2005.